

BRASIL: MÚSICA POPULAR E REGIONALIZAÇÃO – UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues*
Leandro Faber Lopes**

Resumo

O presente artigo discute uma possibilidade de trabalho que acrescenta contribuições da música para o estudo das regiões brasileiras, com destaque para os elementos formadores da nossa cultura. Em primeiro lugar, a relevância desta proposta é oportunizar aos discentes o debate sobre as regiões brasileiras e a regionalização no Brasil, relacionando-o, porém, aos demais conceitos-chave da Geografia: território, espaço, paisagem e lugar. Além disso, visa a contribuir com a ampliação dos olhares acerca da diversidade cultural do povo brasileiro, que se materializa, entre outros aspectos, pela imensa variedade de ritmos, gêneros e estilos musicais.

Palavras-chave: Regionalização do Brasil. Música popular. Educação geográfica.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma proposta de abordagem aos temas e conceitos geográficos através da música popular brasileira¹ no ensino básico, no intuito de contribuir com o ensino de Geografia.

Diversos conceitos caros à ciência geográfica, como região, lugar e espaço, que embasam cientificamente discussões acerca de experiências ambientais cotidianas, podem ser enriquecidos e debatidos com base no estudo de expressões musicais. Essa interface interessa à educação geográfica, uma vez que possibilita o aprofundamento dos estudos de determinada sociedade com base em suas experiências regionais. Isso ganha relevância junto à Geografia escolar, sobretudo em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde a grande diversidade cultural expressa uma multiplicidade de influências históricas, culturais e ambientais na própria formação da sociedade brasileira.

Dada sua presença em todas as sociedades conhecidas, a música traz imagens dos lugares, não apenas como um meio para exprimir diversas experiências, mas como o próprio resultado das experiências ambientais. Segundo Kong, “pode-se dizer que a música possui uma dualidade de estrutura: como o meio e como o resultado da experiência, ela pode produzir e reproduzir sistemas sociais” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2009, p. 133). Desta forma, as expressões musicais oferecem uma gama de possibilidades que facilitam a compreensão da sociedade brasileira com base nas seguintes premissas: de um lado, levando-se em conta suas múltiplas influências históricas, culturais e econômicas ao longo dos últimos séculos. De outro, considerando-se as diferenças regionais materializadas nas

* Professora de Geografia do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Graduada em Geografia pela UFJF, Mestre em Geografia pela UFRJ e Doutora em Geografia pela UFMG. Email: andreia.ribeiro@uff.edu.br

** Professor de Geografia do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Graduação em Geografia pela UFJF e Mestre em Geografia pela UFF. Email: leandrofaber@hotmail.com

mais diversas expressões musicais que se tornaram, no processo de formação do povo brasileiro, genuinamente nacionais.

Tradicionalmente, as correntes hegemônicas da Geografia reconhecem o seu arcabouço conceitual como um bloco pronto. Tal perspectiva se traduz no espaço escolar em uma Geografia apresentada pelo professor através desses mesmos conceitos também de forma acabada e inflexível, tornando-se, por vezes, uma disciplina um tanto enfadonha e “sem função” para os alunos, que não reconhecem as dinâmicas geográficas em seu cotidiano.

No entanto, outras possibilidades de trabalho vêm sendo pensadas e, inclusive, sugeridas por documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010), assumindo uma perspectiva de conceitos que devem ser construídos *com* os alunos e não somente entregues *para* eles pelo professor.

1. CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Segundo Rodrigues (2011), para compreender melhor a realidade e estabelecer relação entre os diferentes fenômenos que envolvem a vida em sociedade, o geógrafo e professor de Geografia procura reforçar a importância das dinâmicas espaciais nos currículos das escolas, especialmente dos ensinamentos fundamental e médio. Nesse sentido, o ensino de Geografia deve oportunizar aos alunos uma compreensão das relações que permeiam a sociedade e o espaço, pautado em elementos teóricos que, em conjunto, possam dotá-los de uma competência intelectual capaz de ampliar a sua compreensão dos processos de *(des) organização do espaço*. Sendo assim, é importante que o processo de ensino-aprendizagem esteja focado em conteúdos e estratégias que realcem a vinculação entre o conhecimento acadêmico e a vivência do discente.

Desta forma, o presente artigo apresenta uma possibilidade de trabalho que acrescenta contribuições da música popular para o estudo das regiões brasileiras, com destaque para os elementos formadores da cultura nacional. A relevância dessa proposta é oportunizar aos discentes a reflexão e o debate sobre a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, com base em suas mais diversas heranças histórico-culturais que refletem, por sua vez, diferenças regionais essenciais à compreensão de importantes conceitos geográficos: região, território, espaço, paisagem e lugar.

Outro aspecto que justifica a presente proposta é a necessidade de produção e diversificação de materiais didáticos. É reconhecida a importância do livro didático no sistema educacional brasileiro, mas é igualmente necessária a ampliação de recursos, de modo a atender a diferentes necessidades, contextos escolares, professores e alunos.

Por último, na perspectiva da interdisciplinaridade, o trabalho que traz a música como principal linguagem permite ao professor de Geografia estabelecer interfaces com diferentes disciplinas, como História, Língua Portuguesa, Literatura e Artes, dentre outras, enriquecendo as experiências no desenvolvimento de novos saberes. Em um país de dimensões continentais, há muitos ritmos e gêneros musicais que expressam, regionalmente, as influências dos povos que constituíram a nação brasileira. A música, ao mesmo tempo em que reflete a diversidade cultural de um povo, permite um aprofundamento na compreensão de suas dinâmicas sociais, econômicas, políticas e territoriais.

A região, conceito geográfico que ora se destaca, sempre esteve no centro de diversos debates da ciência geográfica. No limiar da Geografia tradicional, as regiões eram entendidas como sínteses de elementos físicos e sociais em processo de integração, cujo reconhecimento era feito através da descrição da paisagem. Entre as obras clássicas que realizam reflexões da natureza sobre

a transformação do pensamento regional, destacam-se as do pesquisador Richard Hartshorne e Alfred Hettner. Este último, inspirado em Hartshorne, afirma que muitos geógrafos consideram a Geografia um estudo da diferenciação de áreas do mundo, uma ciência corológica, delegando-lhe um papel descritivo (HAESBAERT, 2010).

Para Hettner, a Geografia tem o objetivo de explicar as razões pelas quais as diversas porções da superfície terrestre se diferenciam. O caráter singular das diferentes parcelas do espaço viria da forma particular de inter-relação entre os fenômenos aí existentes, cabendo à Geografia descobrir e explicar. Hartshorne teve como maior característica a discussão epistemológica da Geografia. O método regional, criado por este autor, entendia ser objeto específico da ciência geográfica a diferenciação de áreas que constituiriam a própria regionalização, na consideração do conjunto de fenômenos heterogêneos que definiria cada espaço. A região seria produto mental obtido a partir do uso pelo pesquisador de critérios metodológicos para o recorte espacial. Hartshorne salientava a necessidade do estudo de casos individuais. A generalização viria depois com a comparação dos diferentes estudos (MORAES, 2003).

Além das reflexões de Hartshorne e Hettner, os autores Karl Ritter e Alexander Von Humboldt foram considerados também muito importantes para a Geografia regional ou mesmo para a ciência geográfica, analisando as paisagens naturais e diferenciando áreas.

No final dos anos 1970, a abordagem da Geografia humanista demonstrou nos estudos regionais uma preocupação não apenas com os elementos físicos, sociais e econômicos para a interpretação da região, presentes em muitos trabalhos, mas, sobretudo, aparece o conceito de região associado à identidade, à cultura e identidade cultural.

Lemos (2005, p. 34) ressalta que “o estudo regional, nessa perspectiva, visa compreender o

sentimento que os homens têm por pertencer a uma determinada região, os laços afetivos que produzem uma identidade regional”.

A Geografia crítica visualiza e caracteriza, segundo Haesbaert (2010), a região sobre duas formas: uma vertente que enfatiza a dimensão econômica, vendo a região como um fruto da divisão territorial do trabalho, e outra que enfatiza a região a partir dos movimentos sociais, os regionalismos.

No período de avanço do capitalismo e da globalização, a região aparece com diferentes abordagens, seja a partir da ênfase nas formações regionais mais tradicionais (estados-nações) ou em construções inovadoras (como as regiões descontínuas ou em rede), inexistindo, atualmente, um “conceito universal” de região como em tempos passados.

Gomes (1995) considera, inicialmente, o debate entre a noção de região natural e de região geográfica, ou seja, o peso atribuído em nossas análises e pesquisas às condições naturais como modelo explicativo para a diversidade na organização espacial ou critérios culturais para delimitar essa mesma diversidade. Ademais, para o autor, a solução para esse impasse pode estar no fato de haver uma relação dinâmica e de reciprocidade de influências.

Questiona, ainda, se é possível identificar critérios gerais e uniformes que estruturam o espaço ou se esses critérios são mutáveis. Dessa maneira, as regiões são o resultado de uma divisão do espaço, submetido sempre às mesmas variáveis ou são concebidas como produtos relativos, resultado da aplicação de critérios particulares?

Haesbaert (2010) apresenta um conjunto de ideias que propõem o reconhecimento de alguns elementos estruturadores da região e são capazes de dialogar com as múltiplas dimensões do espaço (cultural, econômica, política e natural).

O autor, após uma longa digressão acerca da história da região como um dos conceitos da Geografia

moderna, ora em evidência, ora velada, afirma existir a necessidade de se superar ideias engessadas como a singularidade regional, o caráter articulador e homogeneizante, bem como a relação entre região e mesoescala, especialmente no que se refere ao Estado-Nação.

Como proposta não acabada, Haesbaert propõe que a região seja vista como um “artefato” e não somente como *fato* (concreto), *artifício* (teórico) ou instrumento de ação estatal. Ela deve ser encarada como ferramenta capaz de relacionar aspectos políticos e culturais: ao contrário da homogeneidade regional, deve-se ter uma abordagem a partir de processos de des-continuidade espacial e, em oposição ao caráter mesoescalar, deve haver uma regionalização vinculada às múltiplas escalas de poder em um mundo global- fragmentado, principalmente à escala cultural.

Ora, em consonância com este pensamento, pode-se ressaltar a relevância da música popular como campo de investigação geográfica, ainda que por tanto tempo tenha sido negligenciada. A indiferença dos geógrafos pela cultura popular esteve ligada, quase sempre, à visão desta como algo menos importante que a elitista. Contudo, mais recentemente, contesta-se essa hegemonia, passando-se à compreensão da cultura de origem popular como “fontes propulsoras da consciência popular” (HARVEY, 1984, p. 7, apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2009, p. 131).

A música é fundamentalmente presente no cotidiano das pessoas e sua importância vai além da questão da sonoridade e de seu poder de entretenimento, pois, através dela, criam-se imagens de seus lugares de origem. Muitas experiências vivenciadas por uma sociedade são expressas nas músicas que esta produz, evidenciando noções caras ao conhecimento geográfico, como espaço, território e lugar. Kong acrescenta que “a música também pode servir como proveitosa fonte primária para se compreender o caráter e a identidade

de lugares” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2009, p. 133). Há, portanto, uma inegável relação entre música e região, uma vez que a (re) produção desta última ocorre através de processos históricos, culturais, econômicos, territoriais e políticos, muitas vezes expressos nas letras de canções populares.

No contexto da Geografia escolar, o estabelecimento de relações entre música e região torna permeáveis aos alunos novos saberes a respeito da constituição das identidades regionais brasileiras, criando um debate acerca das influências culturais que originaram tamanha diversidade. As diferentes expressões musicais da nossa sociedade revelam uma grande complexidade cultural, temporal e espacialmente distribuída por um vasto território.

Assim, o estudo regional dos diversos gêneros musicais possibilita aos jovens o aprofundamento em questões como a evolução histórica e econômica da sociedade brasileira; a criação das múltiplas identidades culturais regionalmente fragmentadas e, ao mesmo tempo, especializadas; as contribuições dos povos que para cá migraram ao longo dos últimos cinco séculos; a distribuição geográfica de recursos naturais; humanos e econômicos presentes no território brasileiro; dentre outras.

O artista, em sua percepção e sensibilidade, reflete suas ideias e sentimentos nas letras e músicas de suas canções, por vezes consideradas verdadeiros espelhos de um dado momento político-social.

Quando se diz que a arte é a concretização dos sentimentos, isto não significa estritamente que o artista, ao construir um objeto estético, esteja apenas e tão somente exprimindo seus próprios sentimentos. Não significa que a obra de arte seja um simples “retrato” do mundo interior do artista. Pelo contrário. Sua capacidade expressiva reside justamente em sua sensibilidade para captar meandros dos sentimentos da comunidade humana e exprimi-los em formas simbólicas. Ao construir um objeto artístico (uma obra de arte), o artista projeta nele tudo aquilo que percebe como próprio

dos homens de sua época. Tudo aquilo que constitui o “sentir” dos homens (ou dos grupos de homens), que ele capta e exprime em formas. (DUARTE, 1985, p. 84)

A produção artística, no caso a música, traz em si uma oportunidade única de análise dos aspectos sociais, políticos, ideológicos e espaciais de um povo. Há muito ela se faz presente dentro das sociedades, demonstrando ser um reflexo espontâneo dos indivíduos e dos grupos sociais, exprimindo sentimentos de alegria, raiva, saudade, nacionalismo, indignação, crítica e contestação. Além disso, em muitos momentos, a música dissemina ideias que podem favorecer atitudes de revolta, razão pela qual, em momentos de repressão política como os vivenciados no Brasil, ela foi censurada, buscando evitar a difusão de pensamentos que favoreciam os movimentos sociais. Malgrado a censura imposta pelo regime político durante a ditadura militar, fazendo com que a televisão se tornasse um poderoso veículo de homogeneização cultural e “imposição” de uma única forma de pensar e de sentir, a música popular possibilitou que cantores e compositores expressassem sua forma de protestar e contestar.

2. UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA

De acordo com os apontamentos anteriores, a música como recurso pedagógico oferece diversas possibilidades para o ensino de Geografia na educação básica, sobretudo como elemento enriquecedor das práticas escolares. O trabalho aqui apresentado pautou-se no uso da música popular como elemento de contribuição aos estudos sobre a regionalização brasileira, destacando-se as confluências de elementos culturais responsáveis pela grande riqueza da musicalidade no país. A música brasileira, com todos os seus matizes, está imbuída daquilo que melhor

caracteriza nosso povo, que é sua diversidade étnico-cultural. A partir do século XVI, principalmente com as influências europeias, africanas e dos povos nativos do nosso território, tem início o que hoje chamamos de música popular brasileira.

A inegável riqueza de ritmos, estilos e gêneros musicais genuinamente nacionais possibilita ao professor de Geografia o aprofundamento de suas práticas escolares no que concerne ao ensino das regiões. Não de uma forma tradicional, meramente através do estabelecimento de analogias entre as diferentes regiões, mas, ao contrário, levando os alunos a se debruçarem sobre os principais aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos, territoriais e políticos da sociedade brasileira através da música. A inserção deste elemento como recurso didático torna possível que as aulas sejam ministradas de forma mais lúdica e prazerosa para os discentes, sobretudo pela possibilidade de novas práticas de ensino.

A partir desses pressupostos, desenvolveu-se um trabalho prático envolvendo a música no estudo da regionalização brasileira no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. O projeto foi pensado e concebido pelo Prof. Leandro Faber Lopes e desenvolvido pelo mesmo com o auxílio dos demais professores de Geografia da escola, junto às turmas do oitavo e do sétimo anos do ensino fundamental, respectivamente, durante os anos letivos de 2011 e 2013.

O projeto foi intitulado *Brasil: Música e Região* e seu desenvolvimento ao longo dos anos de 2011 e 2013 resultou na elaboração de um rico material didático. Basicamente, foi necessária a elaboração de um material específico porque as canções trabalhadas foram escolhidas em função de sua importância como elementos da cultura brasileira. Além das letras dessas composições, o material consta de uma base teórica sobre as origens históricas de cada gênero musical no Brasil, bem como sua distribuição, predomínio e influências territoriais.

No decorrer dos trabalhos com os estudantes, divididos em grupos de no máximo 15 componentes, por diversas vezes os professores perceberam o estranhamento que determinados estilos musicais pouco conhecidos em nossa região causaram nos estudantes. Inicialmente, muitos menosprezaram essas diferenças culturais e tenderam a rejeitá-las. Embora tal reação tenha parecido desagradável ou mesmo embaraçosa, num segundo momento ela revelou-se muito oportuna e, ao fim, desejável, pois foi o que gerou importantes discussões entre os próprios alunos e entre estes e o professor.

Os debates acerca das expressões musicais que aos ouvidos da classe soavam, inicialmente, como “estranhas” ou “ridículas” possibilitaram, ao fim de cada trimestre (tempo de duração de cada módulo), notórios avanços em relação à importância de se respeitar a diversidade do povo brasileiro, que tem na música popular uma de suas máximas expressões culturais.

Inicialmente, pensou-se no desenvolvimento dos estudos em pauta com base na divisão regional oficial do território brasileiro (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro- Oeste). Entretanto, ao longo das aulas, os professores envolvidos perceberam a necessidade de se romper com este modelo clássico, devido à dificuldade de se estabelecer limites territoriais precisos para muitas das expressões da música popular e, principalmente, às influências histórico-culturais no processo de formação da sociedade brasileira.

Muitos ritmos, gêneros e estilos musicais, ainda que originários de determinada região do país, ganharam, ao longo do tempo, ampla aceitação nacional e passaram a ser difundidos em todo o território brasileiro, como o forró, o baião, o samba, a música sertaneja e o axé. Isso reforça o pensamento de Rogério Haesbaert (2010), anteriormente citado, em relação à abordagem da região pautada nos processos de descontinuidade espacial em detrimento da suposta homogeneidade regional e que,

em contraposição à mesoescala, deve-se priorizar uma regionalização com base, sobretudo, na escala cultural.

Como ilustração, apresenta-se uma atividade que consta no material desenvolvido no CAP. João XXIII/UFJF.

3. O FORRÓ E O BAIÃO COMO GRANDES EXPRESSÕES DA MÚSICA NORDESTINA²

O forró, assim como o samba, possui as mesmas raízes, ou seja, ambos se originaram da mistura de influências africanas e europeias. Na ilustração abaixo (figura 1), aparecem três dos principais instrumentos utilizados no forró: o triângulo, a sanfona e a zabumba.



Figura 1 – Tocadores de forró.

Fonte: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Disponível em <<http://plugcultura.files.wordpress.com/2010/07/forro.jpg>>. Acesso em 10 jun. 2014.

O forró, enquanto gênero musical, pode ser considerado filho do baião. O nome forró era usado só para designar o local onde aconteciam os bailes e apenas mais tarde foi caracterizado como estilo musical, derivado do baião. Muitos ainda confundem o baião e o forró, e, para ser mais exato, não apenas esses dois gêneros (que são os mais próximos), mas muitos outros

existentes na música nordestina. Essa grande variedade de gêneros musicais se dá devido às influências variadas, a mistura de um estilo com outro, fazendo com que os próprios músicos a chamem de “música nortista”.

O forró: a origem da palavra forró é controversa. Há a versão mais popular de sua origem, na qual o nome viria dos dizeres “for all” (em inglês, “para todos”). Com a inauguração da primeira estrada de ferro no interior de Pernambuco pela companhia inglesa Great Western, foi feito um baile ao som da sanfona e zabumba para a comemoração do acontecimento promovido pela própria empresa, que convidara todos através dos dizeres afixados na entrada: “for all” (para todos). A partir daí, passariam a chamar os seus bailes populares de forró.

A segunda versão é dada pelo historiador e pesquisador da cultura popular Luís da Câmara Cascudo, que aponta a origem no termo africano “forrobodó”, que significaria festa, bagunça. Assim, então, eram chamados os bailes comuns frequentados pelo povo e, com o tempo, por ser mais fácil pronunciar, acabou se tornando, simplesmente, “forró”. A razão dos historiadores, em sua maioria, confirmarem esta versão é o fato de, desde o século 17, já era comum falar sobre o forrobodó, ou seja, muito antes dos ingleses construírem suas malhas ferroviárias. Porém, como o poder de persuasão do rádio e da televisão é bem maior que o dos livros, as pessoas tendem a acreditar na primeira versão.

4. COMO SURGIRAM OS RITMOS QUE COMPÕEM O FORRÓ

O baião: sua origem remonta ao século XIX, no Nordeste do país, mas faltam informações precisas sobre esse início. Segundo muitos pesquisadores, o baião teria surgido da união de vários ritmos: o maracatu africano, o fado português, uma forma especial dos violeiros tocarem lundu no interior do Nordeste e uma designação

regional do samba. O termo baião referir-se-ia ao estado da Bahia e viria como uma variação do termo baiano. A popularização do ritmo se deu mesmo a partir da década de 1940 com Luiz Gonzaga, pernambucano que veio para o Rio de Janeiro e gravou inúmeras músicas que falavam do cotidiano nordestino. Esse tipo de baião cantado sofreu influências de outros ritmos, como o samba e a conga. Nos anos 1970, Gilberto Gil e Caetano com o tropicalismo, e o interesse em resgatar os ritmos genuinamente brasileiros, deram nova força ao baião. O ritmo apresenta diferenças regionais e de época. Existe o baião de Pernambuco, que é o tradicional, tocado com sanfona, triângulo e zabumba, cujos maiores representantes são Luiz Gonzaga e Dominginhos; e existe também, por exemplo, o baião de Fortaleza, que incorporou instrumentos mais modernos, como guitarra e bateria.

O xote: Dança de salão de origem alemã, surgiu nos salões aristocráticos na época da Regência, no final do século XIX. Conhecido originalmente com o nome schottisch, dominou no período do Segundo Reinado, incorporando-se depois às funções populares urbanas e passando a ficar conhecido como chótis e finalmente xote. Saiu dos salões urbanos para incorporar-se às regiões rurais, onde muitas vezes aparece com outras denominações.

O xaxado: o nome provém do som que os sapatos faziam no chão ao se dançar; é uma dança do agreste e do sertão pernambucano, bailada somente por homens, que remonta a década de 1920. O acompanhamento era puramente vocal, melodia simples, ritmo ligeiro, e letra agressiva e satírica. Atualmente, a dança não é mais unicamente masculina e a figura dos pares já é bastante evidenciada. Tornou-se popular pelos cangaceiros do grupo de Lampião, que, levado pelos pés destes, migrou de Pernambuco até o interior da Bahia.

O coco: dança de roda do Norte e Nordeste do Brasil, fusão da musicalidade negra e cabocla. Acredita-se que tenha nascido nas praias, daí a sua designação.

O ritmo sofreu várias alterações com o aparecimento do baião nas caatingas e no agreste. Como compositor que popularizou o ritmo, podemos citar Jackson do Pandeiro.

O vanerão: é o forró dançado no sul do país. Caracteriza-se por ser uma dança em que os pares giram pelo salão com imensa mobilidade e rapidez.

As quadrilhas juninas: são de natureza rural, da tradição europeia do culto ao fogo, anteriores ao cristianismo. A Igreja Cristã adaptou a festa de São João para absorver os cultos agrários pagãos. No Brasil, a festa é acompanhada de muita música e dança: a quadrilha (dança das cortes europeias), o forró, o baião, o xote, o xaxado, e o Coco-de-Roda.

Atualmente, o forró está sofrendo alterações em relação ao seu perfil original, com o surgimento de novos grupos musicais e o sucesso que está fazendo entre os jovens. Os próprios avanços tecnológicos tiveram suas influências nesse ritmo, dando origem ao que hoje se chama de forró eletrônico. Nesse novo cenário, cuja pioneira foi a banda Mastruz com Leite, teve origem a Oxente Music, ritmo que arrasta multidões pelo país e que torna o forró cada vez mais uma música brasileira e não apenas nordestina. Além dessa banda, que está entre as maiores do gênero no Brasil, outras fazem sucesso em todo o território nacional, dentre as quais se pode destacar: Calcinha Preta, Magníficos, Limão com Mel, Noda de Caju e Gatinha Manhosa.

Abaixo, seguem algumas canções que foram escolhidas para a realização das atividades com os alunos. As letras dessas e de outras composições da música popular forneceram elementos de relevada importância no estudo das regiões brasileiras, possibilitando maior ludicidade às aulas de Geografia.

1ª PARTE: O BAIÃO

1. Asa Branca

Luiz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

2. Pau de Arara

Luiz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga e Guio de Moraes

3. Cidadão

Zé Geraldo

Composição: Lucio Barbosa

2ª PARTE: O FORRÓ

1. Isso Aqui Tá Bom Demais

Dominguinhos

Composição: Dominguinhos / Naldo Cordel

2. Esperando na Janela

Gilberto Gil

Composição: Gilberto Gil / Targinho Gondim / Manuca Almeida | Raimundinho do Acordeon

3. Rindo à Toa

Falamansa

3ª PARTE: O XOTE

1. O Xote Das Meninas

Luiz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga / Zé Dantas

2. Xote Universitário Santana, O Cantador

Composição: Accioly Neto/Santanna

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os apontamentos anteriores, a música como recurso pedagógico oferece diversas possibilidades para o ensino de Geografia na educação básica, sobretudo como elemento enriquecedor das práticas escolares, inclusive sob a perspectiva de uma formação integral. O trabalho aqui apresentado pautou-se no uso da música popular para o estudo da sociedade brasileira, destacando-se as confluências de elementos

históricos e culturais responsáveis pela grande riqueza de nossa musicalidade.

A inegável diversidade de ritmos, estilos e gêneros musicais genuinamente nacionais, possibilita ao professor de Geografia o enriquecimento de seu trabalho em sala de aula no que concerne ao estudo dos regionalismos, ainda que diante da aparente homogeneização do mundo atual. A possibilidade de diversificação de recursos pedagógicos como opção ao livro didático, além de tornar mais interessantes as aulas de Geografia, facilita a interlocução desta com outras disciplinas escolares na educação básica. Como expressão máxima da cultura de um povo, a música reflete as mais profundas manifestações dos sentimentos humanos e é representativa de determinados tempos e espaços, que se materializam nas muitas composições do cancionário popular.

O trabalho que associa inúmeros conceitos geográficos de grande relevância, como os de *região*, *espaço* e *lugar*, a uma manifestação cultural e artística – a música – traz para as práticas escolares novas possibilidades de contribuir com a formação do aluno de maneira mais ampla e diversa. Na formação do intelecto humano, não apenas a ciência importa, mas, também, as expressões da cultura e da arte de uma sociedade, como elementos indissociáveis na construção dos saberes científicos e dos saberes populares.

A associação entre a música popular e a Geografia contribuiu, sobremaneira, para o desenvolvimento do respeito à diversidade cultural e étnica do povo brasileiro e para a queda dos preconceitos de inúmeras naturezas. Além disso, o estímulo à reflexão e ao debate acerca da importância das diversas manifestações culturais, temporal e espacialmente distribuídas pelo território brasileiro, trouxe fôlego, ludicidade e novo sentido às aulas de Geografia.

BRAZIL: POPULAR MUSIC AND REGIONALIZATION – A PERSPECTIVE ON GEOGRAPHIC EDUCATION

Abstract

The present article discusses a possibility of work that adds contribution from music to the study of Brazilian regions, highlighting the elements that shape our culture. First of all, the relevance of this proposal is the opportunity given to the students to debate about the Brazilian regions/ Brazil's regionalization, relating it, however, to other key concepts of Geography: territory, space, landscape and place. Furthermore, it aims to contribute to the extension of the views about the cultural diversity of the Brazilian people, which is materialized, among other aspects, by its huge variety of rhythms, genres and music styles.

Keywords: Brazil's regionalization; popular music; Geographic education.

BRASIL: LA MÚSICA POPULAR Y REGIONALIZACIÓN – UNA PERSPECTIVA DE LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA

Resumen

El presente artículo discute una posibilidad de trabajo que le agrega contribuciones de la música al estudio de las regiones brasileñas, destacando los elementos formadores de nuestra cultura. En primer lugar, la relevancia de esta propuesta es darle a los discentes la oportunidad al debate sobre las regiones brasileñas/regionalización en Brasil, relacionándolo, sin embargo, con los demás conceptos claves de la Geografía:

territorio, espacio, paisaje y lugar. Además, pretende contribuir con la ampliación de las miradas acerca de la diversidad cultural del pueblo brasileño, que se materializa, entre otras cosas, por la gran variedad de ritmos, géneros y estilos musicales.

Palabras clave: regionalización de Brasil; música popular; educación geográfica

NOTAS

- ¹ O que chamamos, neste trabalho, de música popular brasileira refere-se a todos os ritmos, estilos e gêneros genuinamente nacionais que compõem uma grande variedade musical, desde o carimbó do Norte ao vanerão do Sul do país, indistintamente, numa confluência de manifestações estéticas que traduzem a multiplicidade de identidades culturais do povo brasileiro.
- ² Fonte: Disponível em: <http://www.mvirtual.com.br/pedagogia/mosaico/cultura_forro.htm>, acessado em 10 mai. 2011.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica*. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010. Seção 1, p. 824, 2010.
- CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Cinema, música e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- COSTA, R. H. da. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DUARTE JR., J. F. *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- FERREIRA, C. C.; SIMÕES, Nataércia N. *A evolução do pensamento geográfico*. Lisboa: Gradiva, 1986.
- GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- LEMOS, L. M. As correntes da Geografia e o movimento de ideias em torno da região.

Geografias, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 26-36, jul./dez. 2005.

LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

RODRIGUES, A. S. R. Do real abstrato ao real concreto: uma proposta de trabalho de campo em Paraty-RJ. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13., 2011, San José, Costa Rica. *Anais...* San José: EGAL, 2011. 1 CD-ROM.

Enviado em 15 de março de 2015.

Aprovado em 15 de abril de 2015.